

A PERFORMANCE E O CINEMA UNIDOS CONTRA O RACISMO: Uma análise de *Alma no Olho* e *Noir Blue*.¹

Helom Paulino Ferreira²
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

RESUMO

O presente trabalho deseja analisar os filmes *Alma no Olho* (Zózimo Bulbul, 1978) e *Noir Blue – Deslocamentos de uma Dança* (Ana Pi, 2018), sob a ótica do conceito de performance dos autores Richard Schechner (2006), Marvin Carlson (2010) e Diana Taylor (2012). Com o objetivo de investigar de que forma as performances dos corpos negros dos realizadores, foram capazes de se tornar importante instrumento de resposta política e antirracista, mesmo em realidades históricas distintas.

PALAVRAS-CHAVE: Performance, cinema negro, Corpos Negros, Antirracismo, Decolonialismo.

CORPO DO TEXTO

A presente pesquisa parte de estudos desenvolvidos no Mestrado em Comunicação que se encontra em fase de qualificação. Pretende analisar os filmes *Alma no Olho* (1974) do cineasta Zózimo Bulbul e *Noir Blue – Deslocamentos de uma dança* (2018) da dançarina e cineasta Ana Pi, sob a ótica do conceito de performance dos autores Diana Taylor (2012), Richard Schechner (2006) e Marvin Carlson (2010). Em nosso processo inicial de pesquisa podemos observar a potencialidade da performance como um instrumento de luta política e antirracista. A nossa investigação parte da seguinte indagação: “de que maneira a linguagem cinematográfica unida à performance dos corpos dos realizadores de *Alma no Olho* (1974) e *Noir Blue – Deslocamentos de uma Dança*

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT03NO - Comunicação, Corporalidades e Minorias, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Bacharel em Rádio, Tv e Internet pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Bacharel em Direito pelas Faculdades de Ciências Jurídicas e Sociais Vianna Júnior, Mestrando em comunicação pela UFJF. Bolsista CAPES. E-mail: helompaulino@msn.com

(2018) serviram como instrumento de resposta política e antirracista, mesmo as duas obras cinematográficas estando dentro de contextos históricos distintos?”.

Para escrutinar os referidos objetos é importante observar além de suas similaridades, certas diferenças que os mesmos possuem. Os filmes guardam 44 anos de diferença entre seus lançamentos, e mesmo em épocas tão distintas utilizam a performance como forma de denúncia e discussão de situações raciais e sociais relevantes. Zózimo Bulbul é um dos primeiros cineastas negros do Brasil, viajou por anos buscando entender os problemas raciais em diferentes locais do mundo, entrando em contato com negros africanos que estudavam o tema e também com grupos étnicos raciais como, por exemplo, os *Panteras Negras*. Após essas viagens Zózimo viu a necessidade de retornar ao Brasil e narrar a visão que tinha sobre os problemas raciais que aconteciam aqui e que o afetavam. Dentre outras características de sua narrativa, podemos destacar que o cineasta performa na tela de forma política, mostrando o corpo negro, por vezes nu, o que era algo inaceitável na época. Critica, ainda, por meio da performance relações sociais envolvendo o povo preto. Já Ana Pi, inicia seu filme subvertendo símbolos racistas, seu título “*Noir Blue*”, é uma subversão da expressão racista “De tão preto é azul”. A atriz performa de forma artística e poética, contando sua viagem para países africanos, e evocando um olhar para a ancestralidade. Rememora situações de racismo, ao passo que ao dançar apresenta ao espectador um diferente olhar sob a cultura negra/afrodiáspórica.

Entendemos ser de suma importância para uma análise do tema, um passeio sobre o racismo e seus reflexos sociais. É importante entender o impacto social do racismo, para que possamos ter um panorama sobre o que motivou os dois cineastas a utilizar a performance como forma de resposta. Frantz Fanon (2008) se dedica ao estudo das diversas relações sociais que cercam o negro, ele destaca que dentro das relações coloniais, o negro sempre foi visto com um papel de subordinação na sociedade, devido à sua cor da pele, assim sendo, o jovem negro cresce querendo ser branco e tendo uma verdadeira crise em sua identidade. Dentro dessa relação histórica surge a necessidade de uma nova forma de visão, os chamados “Discursos Marginais” (KILOMBA, 2018), que serão discursos construídos pelos oprimidos contando suas experiências emocionais, políticas, históricas e sociais. Tais discursos servirão como resposta ao imperialismo e ao racismo que está entranhado nas mais distintas relações sociais. É importante destacar o

papel da arte cinematográfica nessas relações, haja vista que o cinema desde seus primórdios foi um reproduutor das relações sociais conflitantes, criando mocinhos, vilões, sonhos e estereótipos. Desses últimos, negros sempre foram vítimas, uma vez que o cinema hegemônico em sua grande maioria de obras enaltece os padrões, costumes e estética, euro-americanas, colocando-os como um verdadeiro padrão a ser buscado (SHOHAT & STAM, 1994). Nesse contexto, nosso estudo busca entender como as narrativas de cineastas como Pi e Bulbul, dão uma resposta ao colonialismo/racismo. Tais realizadores exercem por meio de suas performances no cinema um papel de descolonizar, que segundo Kilomba (2019) diz respeito ao desfazer o colonialismo. O corpo negro, mesmo em épocas distintas, é colocado na tela performando e servindo com um instrumento de denúncia.

Em nosso percurso acadêmico, entendemos também a necessidade de estudar o cinema em si, buscando certas obras que historicamente criaram estereótipos racistas, tanto no cinema brasileiro como no cinema mundial, bem como destacar certos fatos da história do cinema que consubstanciam essas ideias. Não seria possível dentro dessa pesquisa traçar um histórico do cinema mundial ou brasileiro, mas entendemos necessário destacar certos aspectos da arte cinematográfica que ratificam estereótipos racistas e que demonstram que o cinema hegemônico sempre foi um local onde práticas colonialistas são propagadas. A exemplo disso, destacamos o filme *The Birth of a Nation* (D. W. Griffith, 1915), que recebeu diversos prêmios históricos e é tratado pela crítica como um precursor da montagem cinematográfica mundial, o referido filme narra a história da criação dos Estados Unidos a partir de um viés extremamente racista, colocando negros como sendo potenciais estupradores e assassinos a serem combatidos. No Brasil podemos destacar o fato de que somente na década de 30 tivemos as primeiras aparições de pessoas negras no cinema, a exemplo de Grande Otelo e Oscarito, sendo que a participação dos mesmos era marcada pelo excesso de estereótipos relacionados à cor da pele (CARVALHO, 2005). Esses exemplos, assim como outros que pretendemos abordar no decorrer da pesquisa, nos mostram que historicamente o cinema se desenvolveu sob o manto do colonialismo e do racismo estrutural.

Como percurso metodológico utilizaremos a análise fílmica, abarcando inicialmente as ideias propostas por Vanoye & Anne Goliot-Lété (2002), uma vez que entendemos ser necessária uma análise minuciosa de todos os elementos que cercam a

produção cinematográfica. Os autores destacam que a análise do filme pode ser comparada a analisar uma substância química em seus elementos constitutivos. Na análise proposta a performance será nosso Norte, mas perpassaremos por diferentes aspectos formais, históricos, técnicos e pessoais ligados aos objetos e seus realizadores. Em *Alma no Olho* (1974), Bulbul opta por não falar, mas performa detalhadamente situações históricas que fazem parte da vida do povo preto. Já em *Noir Blue – Deslocamentos de uma dança* (2018), Ana Pi opta por uma performance unida a sua fala, que em muitos momentos é poética. Formas diferentes de performar, mas que se encontram nos seus objetivos. Afinal, é necessário conhecer a história que inspirou o discurso que o filme suscitou, para que assim possamos saber qual tipo de leitura vamos fazer do mesmo (AUMONT & MARIE, 2009).

A performance merece ser discutida não só em meio a análise dos objetos, mas também dentro de sua densa conceituação teórica e como um instrumento de intervenção política. Partiremos então, na pesquisa, dos conceitos mais abrangentes de performance até chegar nas performances artísticas propriamente ditas. Em termos didáticos, para Schechner (2016) a performance vai ocorrer em 8 situações, quais sejam: ““Na vida cotidiana – cozinhar, sociabilizar, ‘ir vivendo’; nas artes; nos esportes e outros entretenimentos de massa; nos negócios; na tecnologia; no sexo; nos rituais – sagrados e temporais; e em ação.”. Contudo, o mesmo explica que a lista não abarca todos os tipos de situações possíveis, e que em cada categoria podem haver diferentes tipos de desdobramentos. Para o autor, estamos performando a todo momento, nos diferentes tipos de interações que temos na vida.

Já para Carlson (2010) apesar de existirem vários conceitos de performance, podemos entender que estamos performando quando inseridos em relações pessoais. A grande diferença estará entre o “fazer” e o “performar”, sendo que o primeiro acontece quando desempenhamos qualquer papel na sociedade sem pensar, e o segundo é quando pensamos no que estamos fazendo. Para o professor esse primeiro passo vai introduzir um certo nível de consciência na performance, e o conceito não ficará tão aberto. Contudo, o próprio autor fala que por vezes performance é colocada em uma ação não humana, como por exemplo, quando vemos cientistas falando do desempenho de um automóvel (Carlson 2010, p. 16).

Apesar da importância do estudo das diversas formas de performance, entendemos ser necessário um mergulho na performance artística, que terá uma relação direta com os sistemas de poder (TAYLOR, 2013). A *Performance Art* (TAYLOR, 2013) terá como característica uma troca de experiência com o público, performar é uma reprodução do mundo exterior, contudo nunca uma performance será igual a outra, mesmo em reproduções do mesmo fato. Essa reprodução do mundo exterior funcionará como uma intervenção política. Aquele que performa “está interessado em produzir uma imagem tão potente que seja capaz de causar em quem vê uma transformação no seu modo de existir mesmo. Ela pretende oferecer resistência a todo o tipo de limite, de obstáculo à liberdade.” (SEHN & ZORDAN, 2014, p. 562)

Consideramos que em nosso caminho acadêmico analisando os filmes *Alma no Olho* (Zózimo Bulbul, 1974) e *Noir Blue – Deslocamentos de uma dança* (Ana Pi, 2018), se tornou imprescindível passear por práticas históricas e sociais que estão ligadas ao desenvolvimento do pensamento e da vida do povo preto, fato que nos trouxe reflexões sobre de que forma a arte pode se inserir nessa realidade, tentando alterá-la. A busca por entender de que forma os realizadores dos dois filmes puderam utilizar a performance para responder politicamente ao racismo, mesmo estando em contextos sociais e históricos distintos, acabou por nos levar à diferentes indagações sobre o papel do negro na sociedade e a potencialidade do cinema dentro dos conflitos raciais. Com esse estudo objetivamos investigar essa relação entre performance, cinema e racismo, bem como humildemente, servir de inspiração para aqueles que desejem por meio performance, responder politicamente às injustiças sociais.

REFERÊNCIAS

Alma no Olho. Direção de Zózimo Bulbul. 1974. Brasil.

AUMONT, J. MARIE, M. **A análise do filme**. Tradução: Marcelo Félix. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 16 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BENATTI, L.M. Teruya, T.K. Saberes estético-corpóreos em “Alma no Olho” de Zózimo Bulbul: possibilidades para uma educação antirracista. In: **Perspectiva** – Revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, v.40, n. 3, p. 01-19, jul-set. 2022.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema**: uma introdução. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp/Edusp, 2013.

BRASIL, André. A performance: entre o vivido e o imaginado. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 20, 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Compós, 2011.

CARLSON, Marvin. **Performance**: Uma introdução crítica. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

CARVALHO, Noel dos Santos. Apresentação de Dossiê Temático “**A celebração da negritude no documentário Alma no olho (1973), de Zózimo Bulbul.**” Programa de Pós-Graduação em Multimeio, Instituto de artes. n.34, set. 2023.

CARVALHO, Noel dos Santos. Esboço para uma história do negro no cinema brasileiro. In: DE, Jeferson. **Dogma Feijoadá**: o cinema negro brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005b.

FANON, Frantz. **Pele Negra, mascaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador-BA: EDUFBA, 2008.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NOIR BLUE – Deslocamentos de uma Dança. Ana Pi. Brasil, 2018. Cor. 27m. PI, Ana. “A calma que me autorizei ao narrar faz com que haja esse tempo de entrada”. Entrevista cedida a Adriano Garrett. **Cinefestivas**. Jan. 2019, Disponível em: Acesso em: 13 out. 2024.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? **O percevejo** – Revista de Teatro, Crítica e Estética, n.12, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2003.

SEHN, C. Zordan, P. Imagem: do cinema para a performance. **Revista Brasileira de Estudos de Presença**, Porto Alegre, v.4, n.3, p. 551-568, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca> >Acesso em: 15 abr. 2025.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

TAYLOR, D. **Performance**. Buenos Aires: Asunto Impreso ediciones, 2012.

TAYLOR, D. **O arquivo e o repertório**: “performance” e memória cultural nas Américas Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

VANOYE, F. GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre análise fílmica**. Tradução: Marina Appenzeller Campinas: Papirus, 1994.